

# Uma produção além-mares – livros brasileiros para jovens leitores portugueses

Norma Sandra de Almeida Ferreira

---

## Resumo

Este texto apresenta parte dos resultados de uma pesquisa que tem como objetivo inventariar a presença e o volume da produção livresca brasileira – do interesse ou não por determinada obra ou autor, da atuação mais ou menos marcante de editoras, da edição de projetos editoriais distintos de uma mesma obra – para os jovens leitores portugueses. Especialmente, indaga sobre a preferência por alguns (poucos) autores e obras como marca de construção de uma tradição no gosto e na apreciação da produção brasileira. Para tal, seleciona, dentro do *corpus* do trabalho, apenas duas obras: *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos e *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de Jorge Amado. São obras e autores que obtiveram sucesso no Brasil e também em Portugal, embora nem sempre tenham alcançado prestígio na mesma intensidade com a crítica literária brasileira, o que incita esta investigação.

## Palavras-chave

Literatura infantil brasileira; leitor português; educação cultural.

## Resumé

Ce texte s'agit d'une partie des résultats d'une recherche, dans l'intention de inventorier la présence et la quantité de la production livresque brésilienne pour les portugais jeunes lecteurs notamment si un oeuvre ou un auteur précis, attire ou n'attire pas l'attention, de l'attitude à peu près remarquable des éditrices, ou encore l'édition de projets éditoriaux distincts dans le même oeuvre. Particulièrement, il se renseigne sur la préférence par quelques-uns, comme par exemple, des auteurs et des oeuvres auxquels sont la marque de la construction

d'une tradition que est présent selon le goût et l'aperçu de la production brésilienne. Pour cela, il sélectionne dans le corpus du travail, seulement deux oeuvres: *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, et *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de Jorge Amado. Ceux-ci ont eu un grand succès au Brasil et au Portugal aussi, malgré qu'ils n'aient pas eu le même prestige avec la critique littéraire brésilienne et c'est ce sujet-là qui instigue cette recherche.

## Mots-clés

Littérature infantile brésilienne; lecteur portugais; éducation culturelle.

Este artigo traz parte das indagações e dos resultados de minha pesquisa de pós-doutorado, cujo objetivo foi inventariar e identificar a presença de autores brasileiros com obras destinadas ao público infantojuvenil em Portugal, voltando-se para o funcionamento e o movimento do mercado editorial e as instâncias de validação e de consagração desse produto cultural.

No esforço de identificação dos livros de literatura infantil e juvenis brasileiros à disposição dos leitores portugueses e do volume dessa produção, foi realizada uma pesquisa de campo nas bibliotecas públicas, nas livrarias e nos sebos do Concelho de Faro.

Foram utilizados diversos procedimentos na construção do *corpus* do trabalho, como: entrevistas com livreiros, “bibliotecários” (coordenadores, técnicos, funcionários, bibliotecários), professores, editores, leitores; observação das fichas preenchidas com dados dos leitores na consulta aos livros em bibliotecas; exame das edições e dos projetos editoriais das obras; levantamento e estudo de uma bibliografia sobre a história da literatura portuguesa voltada para crianças e jovens, como também sobre

o mercado editorial brasileiro e português; busca de documentos oficiais que normatizam e orientam a educação de jovens leitores.

Nas entrevistas agendadas previamente, as perguntas foram colocadas por escrito e, na maioria das vezes, respondidas oralmente, à medida que fazíamos as anotações em letra manuscrita. Questões como estas orientaram a conversa: Por que esses autores e obras compõem o acervo atual? Quais caminhos esses livros podem ter percorrido para chegar a este lugar, para chegar a este país? Quem e que instâncias promovem, divulgam e incentivam a presença dessa produção brasileira em Portugal: o próprio autor, os programas oficiais de fomento à leitura, a editora, os professores, os bibliotecários, os leitores? Por que tal autor ou determinada obra concentra tanto interesse?

A constatação da presença e do volume da produção brasileira, do interesse ou não por determinada obra ou autor, da atuação mais ou menos marcante de editoras, de projetos editoriais e de edições distintas de uma mesma obra exigiu a consulta, *on-line* ou impressa, a outras fontes, como: manuais didáticos e programas curriculares de Língua Portuguesa destinados aos 1º, 2º e 3º ciclos; atuais Plano Nacional da Leitura (Portugal) e Plano Nacional do Livro e Leitura (Brasil); documentos produzidos pela Fundação Calouste Gulbenkian (Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, de 1960 a 1973, Boletim Informativo/Cultural dos Serviços de Bibliotecas Itinerantes da Fundação, de 1958 a 1994; Relatório Anual, de 1960 a 2003; Recensões Críticas da Comissão de Leitura desde 1960), Catálogo de Documentação das Escolas do Ensino Básico, 1º, 2º, 3º ciclos, de 1998; Materiais de apoio aos novos programas – Língua Portuguesa, 1º, 2º e 3º ciclos, de 1992 e 1993, além de um em que não constava data.

Estudos sobre circulação e recepção de livros (BURKE, 1992; CHAR-TIER, 1996a, 1996b, 2001; DARNTON, 1992, 1995), sobre produção

e movimento do mercado editorial (GUEDES, 1987, 1993, 2001; MARTINS, 1999, 2005) e sobre história da leitura em Portugal (MELLO, 2002, 2004a, 2004b; ROCHA, 1992) contribuíram para a análise do *corpus*.

### Uma produção além-mares

A identificação e o exame do corpus das 59<sup>1</sup> diferentes obras de literatura de autores brasileiros destinadas ao público infantil e juvenil<sup>2</sup> localizadas em bibliotecas e em livrarias permitem construir sentidos em torno desse material, em duas direções.

A primeira se volta para um conjunto de dezenove autores que aparecem com um único título de obra, o que provoca uma ideia de dispersão. Nesse sentido, é possível considerar que a presença desse conjunto de títulos não seja resultado de ações e estratégias cuidadosamente calculadas e intencionais, postas de forma coletiva, para conquistar um mercado de livros estrangeiros. De fato, o livro mais antigo é um exemplar que traz marcas do tempo – folhas amareladas e manuseadas – sobre a história de Joana d'Arc, de Mário Serrano, de 1945, por uma editora que não atua mais no mercado (Briguet & Cia). E outras duas obras desse conjunto, encontradas em um alfarrábio, trazem dedicatórias que traduzem o gesto de presentear um leitor específico.<sup>3</sup> Mesmo uma editora como, por exemplo, a Vozes, que tem oito livros entre os dezenove, mostra-se dispersa ao diluir-se por diversos autores novos e praticamente desconhecidos no Brasil, com uma única edição e um único exemplar de cada obra, com pouco registro de retirada para empréstimo em bibliotecas ou de vendas nas livrarias.

A segunda direção aponta para algumas marcas de construção de uma tradição no gosto e na apreciação da produção brasileira em Portugal, quando se olha para o conjunto formado por quarenta obras publicadas por oito autores.<sup>4</sup>

- 1 Um título localizado em lugares diferentes, mesmo que em edições distintas, foi computado uma única vez, tendo sido considerada a data mais antiga. “Também mais de um exemplar de um mesmo livro, em um mesmo lugar, foi computado apenas uma vez.”
- 2 Nesta pesquisa foi assumida a classificação dos livros como “infantis” ou “juvenis” de acordo com o lugar visitado, independente de uma definição por nós preestabelecida.
- 3 *Um personagem chamado Pedrinho*: a vida de Monteiro Lobato para os alunos lerem e os professores também (MURALHA, Sidônio. São Paulo: Melhoramentos, 1970) e *O prisioneiro inocente* (ALMEIDA, Beatriz de. São Paulo: Paulistas, [s.d.]).
- 4 Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos, Ana Maria Machado, Ziraldo, Lygia Bojunga Nunes, Bárbara Vasconcelos de Carvalho, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade.

São obras que se concentram em poucos autores, em várias edições e reimpressões, disponíveis com um significativo número de exemplares em bibliotecas e/ou livrarias, e que têm nas suas fichas registros de empréstimos e de compra. Elas se espalham por outras instâncias: em páginas dos livros didáticos, como sugestões de leitura em programas curriculares de Língua Portuguesa, em diferentes documentos dirigidos aos professores e bibliotecários. São também transformadas em novelas e filmes transmitidos pela televisão para o grande público. Nesse caso, talvez seja possível pensar, a partir desses dados, que parte da produção brasileira já possa ser reconhecida, nomeada e identificada pelos jovens leitores portugueses.

### Os mais lidos, os bem-amados

Neste artigo, no esforço de interpretar a presença dessa produção em terras portuguesas, seleciono desse segundo grupo formado por quarenta obras, apenas dois autores: José Mauro de Vasconcelos e Jorge Amado. Ambos são autores que alcançaram sucesso no Brasil e também em Portugal, embora nem sempre tenham alcançado prestígio na mesma intensidade com a crítica literária brasileira, o que instiga esta investigação.

Desses autores destaco, principalmente, duas obras – *Meu Pé de Laranja Lima* e *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* –, que reúnem maior número de exemplares nas bibliotecas e livrarias visitadas. Essas obras circulam em Portugal há décadas, com várias edições e reimpressões. *Meu Pé de Laranja Lima*, por exemplo, publicação exclusiva da editora Melhoramentos, foi localizado nas seguintes edições: s.d.; s.ed. 1978; s.ed. 1997; 85. ed. s.d.; 4. reimp. dez. 2006, enquanto de *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, também em várias edições, foram encontradas publicações de diferentes editoras: s.d. e 8. ed., 1999,

por Publicações Europa América; s.d. e 14. ed., 2007, por Publicações Dom Quixote.

A consulta aos bancos de dados informatizados e impressos da Biblioteca Municipal de Faro e das bibliotecas escolares revela ainda que esses autores, com essas duas obras, circulam entre os mais lidos em relação aos demais brasileiros encontrados no nosso *corpus*.

Os projetos editoriais brasileiros e portugueses dessas obras são os mesmos, sem qualquer adaptação para a modalidade da língua escrita em Portugal, diferentemente da exigência muitas vezes feita aos demais escritores brasileiros, como é o caso de Monteiro Lobato, Ziraldo e Lygia Bojunga.<sup>5</sup>

Por que esses autores e essas obras transpuseram as águas do oceano e foram encontrados nos espaços visitados destinados à leitura, no sul de Portugal? Por que essas obras brasileiras, e não outras, são retiradas das prateleiras das bibliotecas e são editadas para a venda em livrarias, ano a ano? Como esses autores ganharam projeção e por que são, praticamente, os únicos lembrados assim que me apresento e comento sobre minha pesquisa nas entrevistas que faço? Por que esses escritores brasileiros, mais do que quaisquer outros, ainda provocam lembranças pelas obras lidas, pelos personagens criados?

O sucesso de Jorge Amado, principalmente de *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, e de José Mauro de Vasconcelos, com *Meu Pé de Laranja Lima*, em terras portuguesas, parece ter explicações diferentes, porém não fáceis.

### Jorge Amado: uma leitura legitimada

Além das obras destinadas ao público adulto, que não fazem parte desse *corpus*, Jorge Amado tem três títulos destinados ao público juvenil: *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*; *A bola e o goleiro* e *O menino*

5 Em pareceres (ROCHA, 1988, 1989; VIANA, 1992) da Fundação Calouste Gulbenkian às obras de Lygia Bojunga, os recenseadores, embora destaquem a autora como internacionalmente premiada e traduzida em toda a Europa, colocam, como exigência para sua adoção pelas bibliotecas da Fundação, que as “divergências ortográficas, vocabulares e sintáticas” sejam vencidas. Conforme Viana (1992): a fixação do texto para a edição portuguesa respeitou, a pedido da autora, a oralidade brasileira, “e aqui é que a porca torce o rabo: será legítimo recomendar este livro, com seus acentuados brasileirismos (aliás, todos os dias divulgados, em telenovelas, por todos os nossos canais de TV) para as crianças e jovens portugueses? Na minha opinião, não. Por isso, e considerando as suas qualidades literárias e propósitos saudáveis, o considero apenas como ‘aceitável’”.

*grapiúna*. Em que constitui a força de Amado com essas obras, em tantas edições e com tantos exemplares à disposição dos leitores, há pelo menos trinta anos, em Portugal?

Embora com apreciações diversas e até mesmo sob perspectivas ideológicas antagônicas, o reconhecimento unânime de Jorge Amado entre leitores e intelectuais portugueses pode ser interpretado em várias direções.

A primeira delas é a popularidade que o escritor baiano alcançou com o público em geral, pela criação de seus personagens do povo nas ruas, nos cais, na vida rural; pelo lado pitoresco, tropical e pouco convencional com que apresenta o país ao estrangeiro, nos livros, no cinema, na televisão. A transmissão, por exemplo, da novela *Gabriela, cravo e canela*, homônima de sua obra, em 1977, projetou imagens brasileiras e divulgou, por todo Portugal, o *português falado no Brasil*, ocasião em que praticamente toda a nação lusitana ficou paralisada diante da tevê.<sup>6</sup> Uma segunda compreensão para o sucesso de Amado talvez venha por um caminho oposto. Considerado, até o final dos anos 1970, como *persona non grata* em virtude de suas ligações com o Partido Comunista, de sua literatura combativa e comprometida com problemas sociais, marcadamente ligados às classes mais humildes e em opressão, ele parece ter-se tornado um “símbolo da esquerda” para uma camada da sociedade portuguesa.

Depoimentos colhidos nesta pesquisa são representativos dessa imagem de escritor *maldito*, *clandestino*, lido às escondidas, como ilustra o relato da professora Olga Fonseca: “Jorge Amado era lido às escondidas, uma amiga emprestou-me, passávamos o mesmo livro entre amigas, às escondidas por causa da censura da ditadura, da sexualidade”. Ou então, da professora Margarida Afonso: “Jorge Amado, até 25 de abril de 1979, era nosso símbolo da esquerda, nas livrarias

não ficava à vista, mas se podia encomendar. Depois dessa data, ele vinha pelo Círculo do Livro, que na época chamava-se Círculo Cultural do Algarve”.

Associado ao símbolo da *esquerda* e também ao da *sensualidade*, por uma geração reprimida pela ditadura de Salazar, Amado é oficialmente consagrado como um escritor de prestígio, o que nos permite uma terceira explicação para seu sucesso e atual recepção. Recomendado nos atuais programas de leitura, facilmente é encontrado em livros didáticos ou em obras expostas nas livrarias, acompanhadas de selos de legitimação de instâncias ligadas à educação e à leitura. É o caso, por exemplo, de *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, que se encontra no Rol de Livros Recomendados pelo Plano Nacional de Leitura Ler + (PNL, 2007-2011) e faz parte das obras do Programa de Leitura Orientada do currículo de Língua Portuguesa em vigor, indicado, em ambos os documentos, “para o 8º ano do 3º ciclo”.

Uma busca rápida sobre o autor na internet oferece considerável quantidade e variedade de matérias publicadas em importantes jornais de Portugal, por ocasião de sua morte, em 6 de agosto de 2001. São depoimentos de escritores e intelectuais portugueses (*Jornal Público*)<sup>7</sup> e um conjunto de elogios que dão ao autor atributos como: o escritor que provavelmente “mais contribuiu para a difusão da língua portuguesa no mundo” (*Diário de Notícias*), “maior escritor em língua portuguesa do século XX” (*Diário Expresso*), ou “mestre da amizade na Literatura” (*Correio da Manhã*).

Em seis dos 29 manuais escolares analisados – do 1º ano do 1º ciclo ao 9º ano do 3º ciclo, de diferentes editoras, fornecidos por responsáveis pelas bibliotecas de cinco escolas visitadas – foram encontrados fragmentos diversos, com diferentes propostas de atividade, sendo cinco deles relativos ao 8º ano, com referências à obra *O Gato Malhado e a*

6 Disponível em: <[http://www.caestamosnos.org/Pesquisas\\_Carlos\\_Leite\\_Ribeiro/Gabriela\\_Cravo\\_Canela.html](http://www.caestamosnos.org/Pesquisas_Carlos_Leite_Ribeiro/Gabriela_Cravo_Canela.html)>. Acesso em: 7 nov. 2007.

7 José Saramago, por exemplo, deu o seguinte depoimento: “Em primeiro lugar, é uma notícia que se esperava, mais cedo ou mais tarde, porque Jorge estava bastante doente. Como em todos os casos, mas em particular neste, porque ninguém queria que Jorge Amado se fosse deste mundo, íamos esperando que ele aguentasse, mesmo sabendo que ele não iria mais escrever. Chegou o dia em que ele não pôde aguentar mais. No Brasil, penso que é caso para luto nacional. Em Portugal talvez não chegue a tanto, mas não seria má ideia que se demonstrasse não só o desgosto, mas a admiração que a obra e a pessoa mereciam. Ele já não está cá, mas estão os livros. [...] É uma grande perda para a literatura brasileira, para a literatura em língua portuguesa, para a literatura universal” (Fontes: Redação *Terra*, *Jornal O Globo*).

*Andorinha Sinhá*. Fragmentos de obras de Jorge Amado (algumas vezes ocupando toda uma unidade temática, outras vezes compondo uma unidade com textos escritos por outros autores) sempre estão acompanhados pela biografia e pela foto do autor, inclusive com matéria lamentando sua morte. Nas biografias, a figura do escritor é destacada: comentários como “marinheiro da palavra, arte a serviço das reformas sociais, da justiça, do humanismo”, ou “[...] os diversos prêmios testemunham as virtualidades da sua ficção, pelos milhões de leitores que há muito o haviam eleito como um dos maiores criadores da literatura contemporânea” (TEIXEIRA; BITTENCOURT, 2003, p. 57), saltam das páginas, com a intenção de torná-lo familiar às novas gerações.

Portanto, uma das explicações da presença da obra de Jorge Amado em território português, atravessando décadas, pode ser dada pela força da instituição escolar que o legitima, que o divulga, que estimula sua aquisição. O livro pode ser encontrado nas livrarias com selo do PNL, lido por empréstimos nas bibliotecas, consultado em vários sites e blogs de escolas<sup>8</sup> que comentam a obra, lido em fragmentos nos manuais escolares e encontrado em forma de fotocópia, provavelmente para cumprimento de tarefas didáticas, conforme presenciei em um colégio.

Por outro lado, outras instituições, como a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG),<sup>9</sup> podem ser também responsáveis pela presença e divulgação das obras de Jorge Amado tanto entre o público infantil como entre o juvenil.

Para Idália Palma Affonso Conceição, que trabalhou como funcionária da Câmara e como responsável pela Biblioteca Fixa da FCG em Faro:

A Fundação teve um trabalho importante porque suas bibliotecas itinerantes eram o único acesso à leitura de livros por empréstimo em Portugal. As carrilhas de livros chegavam aos lugares mais longínquos, no interior de Portugal, onde não existiam bibliotecas.

Esse depoimento revela quanto poderia significar para um autor estrangeiro fazer parte do acervo da FCG, talvez uma das únicas formas de *chegar* a regiões distantes com mais de um exemplar, em uma época, segundo Rocha (1992), de pouca produção literária voltada para o público infantil e juvenil.

A Comissão de Leitura da FCG emitiu pareceres favoráveis à aquisição de todas as obras de Amado submetidas para apreciação, tanto as voltadas a adulto como as destinadas ao público infantojuvenil.

Nesses pareceres, os recenseadores identificam aspectos das obras em análise, mas, principalmente, insistem nas qualidades do escritor Jorge Amado, como o faz Adolfo Simões Müller (1983) sobre *O menino grapiúna*:

[...] carreira gloriosa do grande escritor, [autor] de tantos livros que enriqueceram, não só a língua portuguesa, mas o patrimônio literário da humanidade [...] traduzidos em cerca de quarenta idiomas, atingindo no total qualquer coisa de 17 milhões de exemplares! Um modo de narrar que fascina, um poder admirável de contador de histórias. [...] senhor de um estilo pessoal e muito poderoso [...] – o bem-Amado de todos nós, louvado por dezenas de personalidades.

Até mesmo críticas feitas por recenseadores da FCG a outros escritores<sup>10</sup> pelo uso da modalidade escrita “brasileira” nas obras, o que resultava na recusa para inclusão no acervo das bibliotecas, não se sustentam quando o autor é Jorge Amado. Em sua recensão, Müller (1983) acusa o uso e abuso “quanto a nós, do gerúndio, como muitos outros escritores brasileiros”, mas isso não impede que ele avalie *O menino grapiúna* como “muito recomendável” e o indique à Comissão de Aquisição da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG).

Jorge Amado, portanto, circula em Portugal; e não exclusivamente por sua qualidade literária (poderiam ser vários outros autores brasi-

8 Disponível em: <<http://www.ebivc.org/joomla/index.php>>. Acesso em: 21 nov. 2007.

9 A Fundação Calouste Gulbenkian criou, em 1957, uma rede de bibliotecas itinerantes e, mais tarde, de bibliotecas fixas (1961), com a intenção de levar livros a todo Portugal, inclusive às mais isoladas regiões, em uma época, segundo a própria entidade, de “atraso cultural do país”. Criou uma Comissão de Leitura (1960) composta por escritores e intelectuais altamente reconhecidos em Portugal e responsável por emitir pareceres recomendando ou não obras a serem adquiridas para compor os acervos de tais bibliotecas.

10 Pareceres contrários à aquisição de obras de Monteiro Lobato e de Ziraldo, por exemplo.

leiros), mas, provavelmente, pelo valor simbólico que foi construído em torno dele ao longo desses trinta anos, por diferentes gerações de leitores. A recepção desse autor e de suas obras parece agregar outros referenciais: tê-lo na estante é ser apreciador do patrimônio cultural da humanidade; compartilhar das ideias do autor, ser ligado aos ideais da esquerda. Aclamá-lo por sua literatura adulta lhe dá garantia de louvor também pela produção destinada a crianças. Lê-lo é ter contato com um estilo vivo, poético, pessoal, que enriquece o conhecimento linguístico; lê-lo é conhecer o “maior escritor da língua portuguesa”; lê-lo ainda criança é ter contato bem cedo com o grande escritor de literatura para adultos; lê-lo é cumprir as tarefas exigidas pela escola.

### José Mauro de Vasconcelos: uma leitura prazerosa

José Mauro de Vasconcelos é o autor que foi encontrado com a maior diversidade e quantidade de títulos espalhados por todos os espaços visitados, em prateleiras destinadas a livros juvenis e lusófonos.

Nesse conjunto de obras, destaca-se *Meu Pé de Laranja Lima*, pela quantidade de empréstimos registrados nas bibliotecas, pela quantidade de exemplares à venda nas livrarias ou expostos nas bibliotecas e pelas referências feitas por entrevistados. Por que é o mais lido entre os autores que compõem este *corpus* da pesquisa, a mais lida entre as obras do próprio Vasconcelos?

*Meu Pé de Laranja Lima* é uma obra que não consta como leitura obrigatória nos atuais Programa Curricular de Língua Portuguesa e Plano Nacional de Leitura. Mas está presente em documentos enviados às escolas na década de 1990, como exemplificam as Sugestões para a Constituição da Biblioteca da Turma – 7º ano, os Materiais de Apoio aos Novos Programas de Língua Portuguesa, de 1993, e também o Catálogo de Documentação Escolar do Ensino Básico – 2º e 3º ciclos, de 1998.

Todos os cinco fragmentos de autoria de José Mauro de Vasconcelos, identificados nos manuais didáticos, referem-se unicamente a *Meu Pé de Laranja Lima*, com uma tendência à diminuição de interesse no decorrer do tempo. Dois fragmentos foram encontrados em livros atuais (sem data de edição), e três, em livros fora de circulação (um de 1976 e dois de 1978). Autores como Cecília Meireles e Carlos Drummond de An-

drade têm recorrência muito maior em quantidade de fragmentos e de variedade de obras do que José Mauro de Vasconcelos, e nem por isso são autores expostos com destaque em livrarias ou cujas obras estão disponíveis para empréstimos em bibliotecas públicas.

A presença e o interesse, principalmente, por *Meu Pé de Laranja Lima*, também não parecem ter sido impulsionados pelas ações da Fundação Calouste Gulbenkian. Nos documentos consultados, não há nenhuma referência à obra. Além disso, todos os livros de José Mauro de Vasconcelos localizados na Biblioteca Municipal de Faro não trazem o carimbo da FCG.

Os caminhos de circulação de *Meu Pé de Laranja Lima* não parecem ser aqueles legitimados pela escola ou por qualquer outra instituição oficial. Ainda que fragmentos da obra estejam em livros didáticos e ela seja sugerida para prática de leitura recreativa, a hipótese é que a presença desse texto na instituição escolar ocorra de forma diversa da de *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*. Parece haver um movimento que vem de fora da escola, independente dela, e que provoca a leitura até mesmo no interior dessa instituição.

Todos os leitores entrevistados se lembram da obra com entusiasmo e sugerem uma relação afetiva com o objeto livro. A informação vem de forma espontânea e informal. Quando, por exemplo, eu escaneava a capa de uma edição, ouvi o comentário de um funcionário da secretaria da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Algarve: “Li este livro, mas não tinha esta capa. Eu o tenho em casa”.

Para alguns, provavelmente, o livro deve ter sido lido por causa da escola, indicado em uma aula de Língua Portuguesa, mas, segundo a professora Margarida Afonso:

Fiz uma consulta ao Programa do Ensino Preparatório, década de 1970; não havia nenhuma lista de livros recomendados. Mas havia adendos do Ministério da Educação com obras indicadas, e em uma dessas listas estava *Meu Pé de Laranja Lima*. A obra aparecia muito nas aulas, na década de 1970, para o 3º ciclo. Minha irmã mais nova leu no 7º ou 8º ano, não sei se como obrigatória ou aconselhável pela escola, provavelmente no ano de 1977.

O relato da professora Maria Filomena Palma Branco também aponta para o caminho percorrido pelo livro:

Lembro-me de excertos em livros de ensino e que eram trabalhados em sala de aula. Também me lembro de ter lido porque indicado por uma professora que gostava e incentivava muito a leitura. Mas li, principalmente, porque todos liam. Tenho o livro até hoje em casa, e minha filha também leu, no final dos anos 1980, porque indiquei.

De qualquer maneira, ao lado da ideia de um livro que está na escola, mas não de forma obrigatória, há outra ideia, que é a da circulação livre da obra entre colegas, amigos, turmas, como relata a professora Olga Fonseca:

*Meu Pé de Laranja Lima* nós líamos fora da escola, não por indicação e nem por recomendação de alguém ligado à escola. Havia uma edição menor, com diálogos selecionados de *Meu Pé de Laranja Lima* e de *Rosinha, minha canoa*, que comprávamos para dar de presente aos amigos, no aniversário, nas festas. Tenho até hoje um desses exemplares.

A leitura de *Meu Pé de Laranja Lima* corre entre leitores, sem a obrigatoriedade da escola, mas, às vezes, sugerida por ela. Mas por que tal livro provocou e provoca tanto impacto em seu público?

Para a professora Virgínia Albistana:

O livro era muito comentado, e a professora levou para a escola. A história transmite valores que a família valoriza, passa valores, e nós acreditávamos que isso era importante para as crianças e que isso se passa pela leitura. A história é muito rica.

Li o livro há muito tempo, é uma leitura explicativa, sobretudo passa valores. E através da leitura, da linguagem, consegue-se melhor do que com conselhos em casa, na família.

A Geração 25 de Abril acreditava muito nisso, na importância desses valores – como solidariedade, generosidade, amizade. Até 1988 dei aulas para crianças de [classe] média-baixa, e este é um livro importante, que marca a vida da pessoa que lê.

A força da mensagem que forma as crianças segundo determinados valores parece explicar o interesse pela obra. Mas não só isso. Para a professora Olga: “É provável que tenha sido muito lido pela força da temática, que é atemporal, pelos personagens mais jovens”.

Segundo Rocha (1992), até os anos 1970, a produção literária voltada para crianças era ainda em grande parte povoada de heróis nacionais e mitos universais, com personagens idealizados e distantes da realidade portuguesa. Nesse sentido, *Meu Pé de Laranja Lima* (no Brasil, primeira edição em 1969) parece ter entrado no mercado livreiro português com uma história que traz personagens jovens e trata da injustiça social e econômica, das dificuldades de uma classe mais pobre e da bondade de um senhor português, ingredientes que se mostram diferentes dos que eram oferecidos até então aos jovens leitores lusitanos.

Este livro deve ser lido até hoje porque os pais leram, gostaram e o indicam, aconselham a ler. Eu mesma indiquei para meus filhos (hoje com dezessete e dezoito anos) – há algo a aprender com o livro, com a história, a força da história pelo que transmite, agarra-se o jovem pelo personagem. Na minha geração havia poucos livros juvenis e *Meu Pé de Laranja Lima* fazia parte dos livros de nossas estantes. (Maria Teresa dos Santos Aleixo, coordenadora da biblioteca escolar do Agrupamento Afonso III)

Portanto, *Meu Pé de Laranja Lima* é um livro com que se presenteia, que circula na escola como sugestão, é indicado por uma professora de português que gosta de ler, é guardado mesmo depois de ter sido lido há três décadas, é oferecido para outras gerações, é lembrado como objeto (capa, formato, tamanho), faz parte dos livros que merecem ser lembrados, passa de mão em mão (todos leem); fala-se dele mesmo sem alguém perguntar – atitudes que compõem um circuito entre leitores, sem obrigatoriedade ou exigências; sentimentos de leitura que marcam uma geração. O impacto da obra em uma geração consolidou nesse público o gosto e o prolongou a outras gerações.

Por que o livro de Vasconcelos marcou e ainda marca? Pela história comovente, rica, que tem força; pelos personagens jovens, que agarraram o leitor; pela temática atemporal; pelo que é transmitido; pelo que

se aprende; pelos valores – solidariedade, generosidade, amizade – que a família e a sociedade consideram importantes.

Salomé Horta relata que o projeto em desenvolvimento na Biblioteca Municipal de Faro – denominado Brincar de Ler e financiado pela FCG –, desde 2007, tem a família como centralidade na formação de jovens leitores:

E a família gosta não só que sejam livros para ler, mas também que resolvam problemas, transmitam mensagens e valores. Somos sensíveis a essa questão, a leitura a serviço de alguma coisa, e partimos do gosto da família para a apreciação da leitura e sua prática constante.

Nessa perspectiva, se a escola, aqui, não assume oficialmente e de forma explícita a leitura de *Meu Pé de Laranja Lima*, tem-se outra instituição – a família – que parece elegê-la como uma importante obra para integrar a biblioteca de casa. A mãe compra, presenteia, indica para os filhos. A leitura do livro é marcante, comovente, mas necessária porque “funciona melhor que conselhos familiares”.

Depoimentos de entrevistados destacam a mídia como instituição que também fortalece a atualidade de recepção de *Meu Pé de Laranja Lima*, como o da professora Margarida Afonso, que lembra: “Também o livro tem sucesso até hoje porque, posteriormente, a telenovela provocou uma onda de mais leitores”; ou o de Carmem Castanhinha, que afirma:

Li *Meu Pé de Laranja Lima* aos oito, nove anos, como presente de minha mãe. [...] Assisti ao filme que passou em um fim de semana (sábado ou domingo) e, mesmo depois de ter lido o livro, lembro-me de ter chorado muito. A história é comovente! Não me lembro do livro na escola.

As páginas impressas prendem o leitor, a mensagem ensina, e o livro continua nas telas portuguesas. Segundo matéria recente, publicada no *Correio de Notícias* de 8 de julho de 2008,<sup>11</sup> o Canal de Língua Portuguesa (CLPTV), que emite programas para as comuni-

dades lusófonas nos países da Europa Central, pretende alargar sua influência para outras nações e passará brevemente a ser distribuído a cabo. Segundo o diretor do Canal, Pedro Mariano, a proposta é garantir a transmissão, além dos jogos da Liga Profissional de Futebol, de “algumas das mais importantes novelas brasileiras de sempre, como *Meu Pé de Laranja Lima* e *Os imigrantes*”.

Família e mídia são instituições significativas para a atualidade da recepção da obra; porém, a atuação da editora Melhoramentos também parece colaborar para esse sucesso. Desde os anos 1970, a atuação dessa editora é um exemplo praticamente único, entre as nacionais, em que se pode reconhecer uma política de exportação de livros brasileiros destinados às crianças e aos jovens, investindo com uma sucursal em Portugal (anos 1980 e 1990) e criando tradição e demanda.

É provável que *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, tenha se tornado um clássico porque lido por várias gerações em uma sociedade que valoriza a tradição. O texto agrega um valor simbólico, ligado menos à literariedade e mais a sentimentos e valores defendidos por essa sociedade.

Parece que Jorge Amado é eleito como preferido, por ser o autor que é – estilo pitoresco, bom contista, melhor escritor da língua portuguesa – ou por sua liderança na luta por um mundo melhor - comunista, humanista. Por sua vez, José Mauro de Vasconcelos é eleito pela leitura que ensina, educa, forma, e pela história que comove e emociona. A obra de Vasconcelos ocupa um lugar no seio da família, pois é um livro de formação de gerações.

Jorge Amado e José Mauro de Vasconcelos apontam para modos diversos de apreciação e aceitação de suas obras. Mas ambos indicam que os critérios para eleger determinados autores e publicações são diversamente construídos no tempo e em diferentes comunidades.

### **Crítérios que servem para uns não servem para outros**

O sucesso, especialmente de *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, e de *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de Jorge

11 Disponível em: <<http://www.correiomanha.pt/noticia>>. Acesso em: 12 jan. 2008.

Amado, revela, entre outras coisas, o quanto é difícil entranhar-se no mercado dos livros em um país estrangeiro.

A falta de controle e a incompreensão dos procedimentos e dos itinerários que promovem uma obra ou um autor entre uma comunidade de leitores são sinais da complexidade desse circuito. Às vezes, os livros ganham destaque por causa das estratégias das editoras que os publicam; às vezes, pela força da tradição de um gosto formado e promovido por uma comunidade de leitores comuns; ou ainda, oficialmente, pela força de determinadas instituições. Uma autora premiada e reconhecida pela crítica circula timidamente em coleções com autores de outros países; uma obra é eleita para compor os programas oficiais voltados à educação do leitor, enquanto outra é eleita para permanecer viva, de mão em mão, por várias gerações de leitores.

Nem sempre o caráter literário é o principal critério para a adoção de um autor ou de uma obra, sem restrições, pelo público leitor ou pelas instâncias que os promovem. Os critérios, nem sempre coerentes e explícitos, flutuam no interior da crítica especializada e na apreciação do gosto popular, agregando sentidos simbólicos exteriores aos próprios textos e a seus suportes. Critérios que são colocados como impedimentos para a circulação de algumas obras e de alguns autores não o são para outros.

Jorge Amado e José Mauro de Vasconcelos, por exemplo, diferentemente da maioria dos autores (localizados na pesquisa como um todo), não são censurados nem *traduzidos* em nome da pureza da língua vernácula, nem em defesa dos jovens leitores, para que não se contaminem com a modalidade brasileira no processo inicial de aprendizagem da Língua Portuguesa. Em nome de um mercado que se quer conquistar, também Amado e Vasconcelos não ganham novos projetos editoriais diferentes de seus países de origem, nem são apresentados em coleções que abrigam os *premiados*, os *melhores* ou os de *aventura*; coleções essas criadas por editoras não brasileiras. São estratégias editoriais que acabam por encarecer o processo de produção e sugerir outros sentidos sobre a singularidade da língua em que as obras são originalmente criadas, bem como sobre a diversidade que deve orientar uma produção cultural.

De qualquer maneira, por diferentes itinerários, intenções e ações, livros transitam de forma convencional, imprevista ou ao acaso, chegam e são amados (ou não) pelos leitores.

### Referências bibliográficas

- AMADO, J. *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor*. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- CHARTIER, R. *Cultura escrita, literária e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- \_\_\_\_\_. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996a.
- \_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b.
- DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GUEDES, F. *O livro como tema*. Lisboa: Verbo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O livro e a leitura*. Lisboa: Verbo, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Os livreiros em Portugal*. Lisboa: Verbo, 1987.
- MARTINS, J. M. *Marketing do livro: materiais para uma sociologia do editor português – de Camilo à internet, o prazer de editar*. Lisboa: Celta, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Profissões do livro: editores e gráficos, críticos e livreiros*. Lisboa: Verbo, 2005.
- MELO, D. *A leitura pública no Portugal contemporâneo: 1926-1987*. 2002. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, ISCTE, Lisboa, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A leitura pública no Portugal contemporâneo: 1926-1987*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004a.
- \_\_\_\_\_. *As bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura pública no Portugal contemporâneo: 1926-1987*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004b.
- MÜLLER, A. S. Parecer sobre *O menino grapiúna*, de Jorge Amado, em 15 mar. 1983. Disponível em: <<http://www.leitura.gul>>

- benkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=4062>. Acesso em: 7 nov. 2007.
- ROCHA, N. *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. 2. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação, 1992.
- \_\_\_\_\_. Parecer sobre *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, em 19 set. 1989. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=9392>>. Acesso em: 6 nov. 2007.
- \_\_\_\_\_. Parecer sobre *Corda bamba*, de Lygia Bojunga Nunes, em 20 dez. 1988. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=9393>>. Acesso em: 6 nov. 2007.
- ROL DE LIVROS. Pareceres Comissão de Leitura – 1958-out. 2007. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acesso em: 30-31 out. 2007.
- TEIXEIRA, M. A.; BITTENCOURT, M. A. *Língua Portuguesa*: 8º ano. Lisboa: Texto, 2003.
- VASCONCELOS, J. M. *Meu Pé de Laranja Lima*. 14 ed. 4. reimp. São Paulo: Melhoramentos, 2006.
- VIANA, A. C. Parecer sobre *O sofá estampado*, de Lygia Bojunga Nunes, em 15 dez. 1992. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=12379>>. Acesso em: 6 nov. 2007.
- Recebido em 30 de setembro de 2010 e aceito em 18 de abril de 2011.